
SABER E FÉ
37

Aviso importante!

Esta matéria é uma propriedade intelectual de uso exclusivo e particular do aluno da Saber e Fé, sendo proibida a reprodução total ou parcial deste conteúdo, exceto em breves citações com a indicação da fonte.

COPYRIGHT © 2015 - TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - SABER E FÉ

37

INTRODUÇÃO À FILOSOFIA

EGUINALDO HÉLIO DE SOUZA

SABER E FÉ

Versão da matéria: 1.0

Nossas matérias são constantemente atualizadas com melhorias e/ou possíveis correções.
Para verificar se existe uma nova versão para esta matéria e saber quais foram as alterações realizadas acesse o link abaixo.

www.saberefe.com/area-do-aluno/versoes

Sumário

03 ▶ Introdução
03 ◘ Definindo filosofia

05 ▶ Capítulo 1 ▼ Com o que se ocupa a filosofia?

07 ▶ Capítulo 2 ▼ Lógica
10 ◘ Dedução
11 ◘ Indução
11 ◘ Axioma
12 ◘ Silogismo
12 ◘ Falácia
13 ◘ Sofisma

15 ▶ Capítulo 3 ▼ Política
17 ◘ Tipos de governo
17 ◘ Pensadores do poder
18 ◘ A utopia dentro do pensamento político
19 ◘ O sonho de Platão na antiguidade grega
19 ◘ O Renascimento
20 ◘ Os socialistas utópicos
20 ◘ A última utopia
21 ◘ Realidade versus utopia

22 ▶ Capítulo 4 ▼ Ética
23 ◘ A tradição
24 ◘ O senso comum
24 ◘ A revelação
25 ◘ A lógica
25 ◘ Outros padrões éticos
27 ◘ Alternativas éticas

30 ▶ Capítulo 5 ▼ Epistemologia

30 ◘ Os primeiros pensadores

31 ◘ Destruindo ídolos e partindo da dúvida

33 ◘ John Locke e a teoria da tábula rasa

34 ◘ Immanuel Kant

35 ◘ O poder do questionamento

36 ▶ Capítulo 6 ▼ Metafísica

37 ◘ A indagação da metafísica

38 ◘ Períodos da metafísica

39 ▶ Capítulo 7 ▼ Estética

40 ◘ O belo e a arte

40 ◘ O que é a beleza?

40 ◘ Característica da sensibilidade artística

41 ◘ A sensibilidade estética

42 ◘ Categorias estéticas

43 ◘ As artes

44 ◘ A classificação das artes

45 ◘ A arte e seu tempo

45 ◘ A filosofia e a estética

47 ▶ Conclusão

48 ▶ Referências bibliográficas

▼ Introdução

O que é filosofia?

"A vida sem reflexão não merece ser vivida." (Sócrates)

◘ Definindo filosofia

Segundo Michaelis, filosofia é o "estudo geral sobre a natureza de todas as coisas e suas relações entre si: os valores, o sentido, os fatos e princípios gerais da existência, bem como a conduta e o destino do homem. Sistema particular de um filósofo. Conjunto de doutrinas de uma escola ou época. Sabedoria de quem suporta com serenidade os acidentes da vida: suportar com filosofia os infortúnios".

Estas definições estão longe de esgotar todo o conteúdo do significado desta palavra. Estamos tratando de uma ciência-mãe de todas as ciências, de um conhecimento que se relaciona com todos os conhecimentos. Mesmo quem ignora seu sentido, a usa. Quem despreza a filosofia, também tem uma filosofia. Quem se dedica a ela, sabe que seus limites são desconhecidos. Ela abrange desde a "filosofia de botequim", aquela postura diante da vida repulsiva à maioria, até aquela que utiliza termos próprios, extremamente técnicos, que parecem um emaranhado de palavras sem sentido e sem proveito.

A palavra "filosofia" foi utilizada pela primeira vez por Pitágoras, por volta do século 6º a.C., quando se dá a passagem do mundo mítico para a consciência racional. Nessa época, surgem os primeiros sábios (*sophos*, em grego), principalmente nas cidades jônicas que estabeleceram relações comerciais com o Oriente.

Podemos dizer que a civilização ocidental foi formada por duas correntes de pensamento: a profecia hebraica e a filosofia grega. Platão e Moisés formaram a base de toda a nossa cultura, em um processo que já dura milênios. Estes dois fluxos se encontraram no início da Era Cristã, influenciando-se mutuamente, às vezes de forma positiva e outras, de forma negativa. Algumas vezes de forma bem próxima e outras, se distanciando, a ponto de se tornarem inimigas, sem notar que tanto uma quanto a outra haviam sido transformadas pelo contato.

Não que a filosofia seja apenas aquela nascida na Grécia, que teve em Sócrates, Platão e Aristóteles o seu ponto mais alto. Embora os gregos tenham inventado o vocábulo, cada povo teve sua própria filosofia, sua maneira de analisar a realidade ao seu redor e buscar relacioná-la. Chineses, árabes, hindus... Cada grupo étnico utilizou sua inteligência para penetrar no âmago das coisas, buscando explicar e interpretar o Universo.

Os gregos, porém, foram os mais penetrantes, os mais sistemáticos, os mais dedicados à arte do pensamento e fizeram da filosofia sua principal característica. A Judéia produziu homens inflamados pelo zelo divino. A Grécia deu à luz pensadores apaixonados pelo raciocínio. De uma veio o espírito, da outra, a mente do Ocidente. Depois de séculos sob estas influências, é difícil distinguir sua abrangência.

É dentro deste contexto que vamos analisar a filosofia e seus efeitos dentro da história do pensamento ocidental. Não apenas dentro do pensamento, mas dentro do próprio processo histórico, que esteve sempre atrelado a pensadores que utilizaram a filosofia e seus elementos para mudar o homem e a sociedade.

Segundo a filósofa Marilena Chauí, poderíamos definir a filosofia de quatro formas gerais. E, embora essas definições não esgotem todo o seu sentido, pelo menos nos dão uma idéia dos focos envolvidos. As duas primeiras definições têm um sentido mais laico, mais comum. As duas últimas partem para um sentido mais técnico. De qualquer forma, podem ser aplicadas à filosofia:

✓Cosmovisão de um povo, de uma civilização, ou de uma cultura.

Corresponderia, de modo vago e geral, ao conjunto de práticas, idéias e valores pelos quais uma sociedade apreende e compreende a si mesma.

✓Sabedoria de vida.

Neste caso, a filosofia é identificada com algumas pessoas que pensam sobre a vida moral, dedicando-se à observação do mundo e de outros seres humanos para aprender a controlar seus desejos, sentimentos e impulsos e dirigir a própria vida de modo ético e sábio.

✓Esforço racional para conceber o Universo como uma totalidade ordenada e dotada de sentido.

Nesta definição, atribuí-se à filosofia a tarefa de conhecer a realidade inteira, provando que o Universo é uma totalidade, isto é, algo estruturado ou ordenado por relações de causa e efeito, e que essa totalidade é racional, ou seja, possui sentido e finalidade compreensíveis pelo pensamento humano.

✓Fundação teórica e crítica dos conhecimentos e das práticas.

Ela seria responsável por fornecer uma base sólida ou um alicerce sobre o qual se pode construir com segurança. Do ponto de vista do conhecimento, significa a base ou princípio racional que sustenta uma definição verdadeira.

Capítulo 1

▼ Com o que se ocupa a filosofia?

"Por que as ciências, filhas da filosofia, depois de repartirem entre si a herança filosófica, lhe voltam as coisas, como as filhas do rei Lear, depois de dividido o reino?" (Will Durant)

Qualquer coisa que possua existência já foi investigada por algum filósofo em algum momento. E mais. Até mesmo o nada, a não-existência, o não-ser, é objeto de análise. Por isso nem sempre é fácil definir filosofia. É mais fácil exemplificá-la.

O termo em si veio do grego: philos = amor, amigo; sofia = sabedoria. Logo, trata-se do amor, da amizade com a sabedoria. Em seus primórdios, a palavra teria sido utilizada por Tales de Mileto, um dos chamados "sete sábios" da Grécia, que, ao ser chamado de sábio, recusou tal título, dizendo que não passava de um "amigo da sabedoria".

Embora seja difícil delinear os limites da filosofia, podemos dizer que ela se ocupa com pelo menos seis áreas distintas do Universo e da existência humana:

- ✓Lógica
- ✓Política
- ✓Ética
- ✓Epistemologia
- ✓Metafísica
- ✓Estética

Uma vez que venhamos a compreender a maneira como a filosofia investigou, desenvolveu e trabalhou cada um destes campos, passamos então a entender sua utilidade e sua presença dentro do tempo.

Também é importante conhecer os pensadores que estiveram envolvidos em cada segmento. Por trás dos grandes movimentos artísticos, políticos, econômicos e culturais estiveram homens que pensaram, analisaram, criticaram, escreveram e divulgaram suas idéias, muitas vezes de um modo estrondoso e outras, silenciosamente. Mas a verdade é que todas as realizações humanas começaram no mundo das idéias. Algumas vezes, homens teóricos influenciaram líderes práticos e outras, os homens aliaram uma profunda capacidade de reflexão com uma imensa inclinação para os grandes feitos. De qualquer modo, os conceitos desenvolvidos nas mentes desses homens foram migrando para outras mentes por meio de discursos e livros, até modificarem completamente as realidades.

Por mais difícil que nos pareça certos aspectos do estudo da filosofia, é de extrema importância conhecer ao menos os princípios que por trás dela se escondem. Como toda ciência, possui seus aspectos complicados e, às vezes, maçantes, que acabam afastando até mesmo pessoas fortemente interessadas em conhecê-la. Quando, porém, se vence este primeiro medo e os preconceitos adquiridos, podemos aprender que a filosofia também apresenta feições bastante interessantes, que, com certeza, despertarão um desejo de conhecê-la melhor.

Lógica, política, ética, epistemologia, metafísica e estética podem nem sempre ser palavras usuais de nosso vocabulário. Com certeza, porém, são elementos que fazem parte do viver humano. Convivemos com elas, algumas vezes, de forma inconsciente e involuntária e, outras, de forma intensa e engajada.

De certo modo, todos somos filósofos. Alguém já disse que não se pode ensinar filosofia a ninguém. Só podemos ensinar a filosofar. Para isso, contudo, temos de organizar nossos pensamentos e empregá-los de forma eficaz na busca desse entendimento.

Capítulo 2

▼ Lógica

"Existe um mundo de coisas perceptíveis pelos sentidos e um mundo de leis inferidas pelo pensamento." (Baruch Spinoza)

"[Do gr. *lógike*, pelo latim, *lógica*. s.f.]

1. *Filos*. Na tradição clássica, aristotélico-tomista, conjunto de estudos que visam a determinar os processos intelectuais que são condição geral do conhecimento verdadeiro (distinguem-se da lógica formal e da lógica material).
2. *Filos*. Conjunto de estudos tendentes a expressar em linguagem matemática as estruturas e operações do pensamento, deduzindo-os de número reduzido de axiomas, com a intenção de criar uma linguagem rigorosa, adequada ao pensamento científico, tal como se concebe a tradição empírístico-positivista.
3. *Filos*. Conjunto de estudos, originados do hegelianismo (relativo ao filósofo Hegel), que tem por fim determinar categorias racionais válidas para a apreensão da realidade concebida como uma totalidade em permanente transformação; lógica dialética.
4. Compêndio ou tratado de lógica.
5. Coerência de raciocínio, de idéias.
6. Maneira de raciocinar, particular a um indivíduo ou um grupo.
7. Seqüência coerente, regular e necessária de acontecimentos de coisas."

Em suma, lógica é a parte da filosofia que estuda as leis do raciocínio. O filósofo e historiador Will Durant descreve a lógica como "método ideal de pensamento e pesquisa". Observação e introspecção, dedução e indução, hipótese e experimento, análise e síntese — são estas as formas da atividade humana que a lógica tenta compreender e orientar.

Por trás de cada fato existe uma idéia, e apoiando todo pensamento, há sempre uma lógica. Isto quer dizer que os pensamentos precisam ter coerência, precisam ser razoáveis.

Por exemplo, se digo que as plantas são verdes porque o céu é azul, não há lógica na minha afirmação, uma vez que a cor do céu não determina, de modo algum, a pigmentação das plantas. Não há nexo causal. Uma coisa não resulta da outra, nem é resultante. Se digo, todavia, que o verde da planta é resultado de alguma substância existente na sua constituição orgânica, então estou ligando as duas coisas de modo válido, há sentido e relação real entre elas. Estou fazendo uma afirmativa lógica.

Na obra *Organon*, Aristóteles define a lógica como um método do discurso demonstrativo, que utiliza três operações da inteligência: o conceito, o juízo e o raciocínio. O conceito é a representação mental dos objetos. O juízo é a afirmação ou negação da relação entre o sujeito (neste caso, o próprio objeto) e seu predicado. E o raciocínio é o que leva à conclusão sobre os vários juízos contidos no discurso. Os raciocínios podem ser analisados como silogismos, nos quais uma conclusão decorre de duas premissas.

"Todo homem é mortal. Sócrates é homem, logo, Sócrates é mortal", diz ele, para exemplificar. "Sócrates", "homem" e "mortal" são conceitos. "Sócrates é mortal" e "Sócrates é homem" são juízos. O raciocínio é a progressão do pensamento que se dá entre as premissas "Todo homem é mortal", "Sócrates é homem" e, a conclusão, "Sócrates é mortal".

O matemático e filósofo alemão G. W. Leibniz (1646-1716) critica a lógica aristotélica por demonstrar verdades conhecidas, mas não revelar novas verdades. Além disso, a lógica tradicional sistematiza apenas juízos do tipo sujeito e predicado, como: "Sócrates é mortal". Já os modernos sentem necessidade de um método capaz de estudar também relações entre objetos, como exemplificamos na declaração "A Terra é maior do que a Lua".

No final do século 19, o alemão Gottlob Frege (1848-1925) cria uma lógica baseada em símbolos matemáticos e na análise formal do discurso, lançando as bases da lógica moderna, que formaliza os raciocínios, organizando-os numa espécie de gramática, que pode ser empregada em diversas linguagens. Alguns exemplos são a "linguagem proposicional", que estuda a relação dos juízos entre si, e a "linguagem de predicados", que analisa a estrutura interna das sentenças. Como a matemática, ambas utilizam símbolos lógicos (de negação, conjunção e implicação, por exemplo) e não-lógicos (que representam proposições, funções, relações, etc.) para criar cálculos ou sistemas de dedução.

A validade de um argumento depende exclusivamente de sua fórmula lógica e não do conteúdo das afirmações. Então, se no exemplo aristotélico o conceito "mortal" for substituído pelo conceito "verde" ("Todo homem é verde. Sócrates é homem, logo, Sócrates é verde"), o argumento permanece válido, ou correto, embora não existam homens verdes. Válido, porém, não quer dizer verdadeiro. Para que a conclusão de um argumento válido seja verdadeira, as premissas têm de ser verdadeiras.

Ao estudar a estrutura e a natureza do raciocínio humano e reproduzi-las em fórmulas matemáticas, torna-se possível, por exemplo, a criação de uma linguagem binária, que é a base de funcionamento dos *softwares* para computadores.

Usando um termo pertinente a esta área da filosofia, dizemos que a lógica trabalha com "inferências", isto é, conclusões derivadas das observações de alguma coisa ou de algum fenômeno. Um claro exemplo histórico pode ser apontado como uma inferência científica. Isaac Newton, ao ver uma maçã cair da árvore, analisou o fato filosoficamente. Por que todos os corpos caem, sem exceção? O jovem cientista, após analisar a fundo a questão, deduziu a "lei da gravitação universal" e por meio dela trouxe uma explicação lógica para diversos fenômenos da natureza, inclusive para o movimento dos planetas.

Alguém já disse que aprender a escrever (e poderíamos dizer a ensinar ou falar) é, antes de tudo, aprender a pensar. Pensar de modo ordenado e lógico. Quando isto se dá, então é possível clareza, tanto de compreensão quanto de exposição. Então podemos dizer que realmente captamos a realidade por trás de alguma coisa.

A lógica é o princípio que norteia todas as ciências e, nas matemáticas (ciências exatas), adquire um caráter ainda mais essencial. Podemos dizer que dois menos três é igual a quatro (2 – 3 = 4), mas isto não tem o menor sentido, pois não corresponde com a realidade, pois se de um conjunto de duas peças subtrairmos três, com certeza não ficaremos com quatro. A lógica, pois, procura entrar na própria relação autêntica das coisas. É, talvez, a mais potente ferramenta na busca da verdade.

O pensamento lógico lida com diferentes formas de raciocínio e busca expor aquelas formas de pensamento e análise que, embora se apresentem como verdadeiros e válidos, são, na verdade, enganosos. Muitos desses esquemas da lógica podem utilizar forma matemática para se expressar ou sentenças comuns. A álgebra pode ser apontada como um exemplo corriqueiro do que seja o raciocínio lógico

Entre os métodos utilizados pela lógica para resolver as questões a ela proposta, temos: dedução, indução, axioma, silogismo, falácia e sofisma.

Dedução

O raciocínio dedutivo rege ou condiciona praticamente a totalidade de nosso comportamento diário. As mais simples ações, reações e atitudes mentais, até as que apresentam maior complexidade — seja a compra de uma dúzia de laranjas, seja a demonstração de uma expressão algébrica —, envolvem um raciocínio dedutivo.

Por exemplo, quando dizemos algo como: "Fernando é comunista", e alguém pergunta: "Como você sabe?", e respondemos: "Ele gosta de ler Karl Marx", isto é uma dedução. Na verdade, para fazer esta declaração, o nosso raciocínio seguiu o seguinte caminho:

Premissa maior	▷ "Todo comunista lê Karl Marx"
Premissa menor	▷ "Fernando lê Karl Marx"
Conclusão	▷ "Fernando é comunista"

Antes foi aplicado um raciocínio dedutivo, pois parte de uma premissa geral ("Todo comunista lê Karl Marx") para outra particular ("Fernando lê Karl Marx"), a fim de chegar a uma conclusão considerada lógica ("Fernando é comunista").

Assim, apoiado em uma idéia ou lei geral e aplicando-a a um caso específico, vamos, em nosso dia-a-dia, aplicando o nosso raciocínio aos mais diversos fatos. Isto é feito geralmente de forma inconsciente. Claro que nem sempre o raciocínio de alguém apresenta um caminho marcado por premissas tão claras. O mais comum é ir direto à conclusão.

"Um dia sei que vou morrer". Quando uma pessoa faz uma declaração dessa natureza, apóia-se em um raciocínio dedutivo, mesmo que não tenha dado conta disso. Na verdade, se apoiou em premissas bastante simples e evidentes para chegar a esta conclusão. Vejamos:

Premissa maior	▷ "Todo ser humano é mortal"
Premissa menor	▷ "Eu sou um ser humano"
Conclusão	▷ "Logo, eu sou mortal"

Claro que estas aplicações corriqueiras estão sujeitas a enganos de todos os tipos. E quando se trata de uma aplicação científica, é necessário um rigor muito maior. As premissas precisam ser devidamente conferidas e as conclusões terão de passar por outros critérios de verificação para ser consideradas verdadeiras.

É uma forma de pensamento lógico mais imediato, mais simples, e, por esse motivo, empregado de maneiras mais amplas e pelos mais variados tipos de pessoas. Não exige grandes esforços da mente, por isso se lança mão dele e, muitas vezes, de forma inconseqüente.

Indução

A indução, por sua vez, segue o caminho inverso da dedução. Se a primeira (a dedução) parte de uma lei geral para um caso particular, a segunda (a indução) se apóia em casos específicos para chegar até a formulação de leis gerais. É o mesmo que dizer que a dedução parte do efeito para a causa. Pela indução, partimos da observação e análise dos fatos, concretos, específicos, para, então, com eles formularmos uma lei geral.

O empirismo, isto é, o ramo do pensamento científico que defende o experimento como única forma de se conhecer a verdade, se utiliza largamente do método indutivo para basear suas descobertas. A indução analisa casos semelhantes e, vendo neles uma certa freqüência, deduz uma lei geral.

Imaginemos, por exemplo: em determinado lugar, todas as vezes que aparece uma nuvem escura pela manhã chove à tarde. Se o fenômeno se repete sem exceções, logo o observador formulará a lei geral de que nuvens escuras pela manhã, pelo menos naquele local, são uma prova inquestionável de que choverá.

A indução possui seus perigos de interpretação. Cada vez que o fenômeno se repete, ele serve para apoiar a lei geral. Assim, cada vez que surge um novo caso confirmando a tese, a lei se torna mais forte. Mas se surgir um único caso contrariando a lei, ela se torna inválida e se desmorona. Um exemplo simples seria a afirmação de que "todos os gansos são brancos". Cada vez que um ganso era encontrado e era branco, isso servia para confirmar a afirmação. Todavia, quando foram encontrados gansos negros na Austrália, a "lei geral dos gansos brancos" desmoronou de uma só vez, porque já não era possível afirmar que "todos os gansos são brancos".

Axioma

O que é um axioma? Axioma é uma premissa (isto é, cada um dos elementos de um raciocínio) imediatamente evidente por si mesma. Um axioma muito comum e usado como exemplo é: "A parte é menor que o todo". Ninguém pode contestar esta afirmação, por mais que tente.

Algumas vezes, certas máximas ou provérbios são declarados como sendo axiomáticos, pois sua veracidade seria indiscutível. Neste caso, todavia, não envolve uma investigação científica que possa estabelecer a afirmativa como infalível. Pode-se dizer que "é melhor um pássaro na mão do que dois voando", ou seja, melhor uma oportunidade pequena ao nosso alcance do que outra maior incerta. Mas isto é fruto da experiência geral e popular e pode não ter sido verdadeira para alguém em algum lugar. Por isso não tem a força de um postulado científico.

Silogismo

O silogismo é o argumento em si, que consiste de três proposições: a primeira, chamada premissa maior; a segunda, premissa menor; e a terceira, conclusão. Todavia, para que seja, de fato, um silogismo, é importante que sejam admitidas a coerência e a veracidade das premissas. Então, a conclusão se infere da premissa maior por intermédio da menor.

O silogismo pode ser válido, quanto aos seus aspectos formais, e verdadeiro, quanto à matéria, ou ser uma coisa sem ser a outra. Um exemplo para analisarmos esta questão:

Premissa maior	▷ "Todo comunista lê Karl Marx"
Premissa menor	▷ "Ora, Joaquim lê Karl Marx"
Conclusão	▷ "Joaquim é comunista"

A estrutura do raciocínio é correta ou válida porque segue um padrão de premissa maior, relacionado à premissa menor, que leva a uma conclusão. Portanto, este silogismo é válido. Mas é necessariamente verdadeiro? Para isso, precisamos analisar as premissas. Se uma delas não estiver certa, a outra, com certeza, levará ao erro.

Vamos analisar a premissa maior. Ela diz: "Todo comunista lê Karl Marx". Isso é verdade? Talvez. Mas quem pode dizer que existem comunistas que não lêem Karl Marx? Todo aquele que lê Karl Marx é comunista? Não! Pode haver pessoas que lêem Karl Marx apenas para conhecer ou até mesmo para rebater suas teorias. Neste caso, nem todo o que lê Karl Marx é comunista, logo Joaquim pode ler seus livros e não ser um comunista. O silogismo, pois, é válido, mas não é verdadeiro.

Falácia

Na lógica podem ocorrer conclusões falaciosas. Os erros podem ocorrer por dois motivos: ou porque se está raciocinando mal com dados corretos ou porque se está raciocinando bem com dados errados.

Alguns elementos mais comuns que levam as pessoas a um raciocínio falso e enganoso são: apoiar-se em falsos axiomas; ignorância da questão que se está analisando; usar o efeito como explicação da causa (está frio porque a temperatura está baixa); observação inexata; ignorância da causa ou falsa causa; falsa analogia ou falsa probabilidade.

Essas e outras coisas podem facilmente levar alguém a fazer um raciocínio falacioso. Muitos desses desvios nem sempre são percebidos e, às vezes, as conclusões enganosas são propagadas até que alguém, apoiado em premissas e raciocínios verdadeiros, consegue demonstrar o erro e expor a verdade. No campo das ciências, muitas coisas aceitas como válidas no passado foram depois decisivamente rejeitadas. O sistema geocêntrico, substituído pelo sistema heliocêntrico, é um exemplo famoso disso.

Sofisma

Este raciocínio falacioso recebe o nome de sofisma. Não se trata de uma mera opinião errada. Podemos julgar precipitadamente e afirmar que algo é falso. Mas, neste caso, não é propriamente um sofisma, pois o sofisma envolve dolo, má intenção, o que nem sempre está presente em um raciocínio errado. Alguns filósofos classificam um pensamento falacioso não intencional de "paralogismo".

Na Grécia antiga, a oratória era algo de extrema importância. A forma democrática como as cidades ou pólis eram administradas exigiam daqueles que queriam influência política um grande esforço da eloqüência, e isso os tornava cidadãos valorosos. Era necessário convencer pela força dos argumentos, pela lógica, pelo raciocínio, o que tornava as artes da fala e do pensamento instrumentos vitais.

Dentro deste contexto, surgem os sofistas. Eram homens que ensinavam a convencer. Consideravam-se os educadores da juventude ateniense. Propunham-se a torná-los aptos para a persuasão de seus oponentes. E, dentro do que se propunham, era comum os jovens aprenderem a defender suas posições ou opiniões "A", depois a opiniões contrárias "não-A", de modo que, numa assembléia, sabiam ter fortes argumentos a favor ou contra uma opinião a fim de ganhar a discussão. Já se via que o alvo dos sofistas não era descobrir a verdade, mas levar vantagem na argumentação.

Contra os sofistas rebelou-se Sócrates, pois, para ele, esses elementos não eram filósofos, uma vez que não tinham amor à sabedoria, nem possuíam qualquer respeito pela verdade, já que defendiam qualquer idéia se isso fosse vantajoso.

Os lógicos costumam classificar os sofismas em formais (quando o erro é resultante de um vício de forma) e materiais (quando erro é resultante de um engano de apreciação da matéria, vale dizer, dos fatos).

Os principais sofismas materiais, as verdadeiras falácias do raciocínio, são, segundo os entendidos:

- ✓A definição inexata: quando os termos e idéias envolvidos não estão muito claros;
- ✓Os falsos axiomas: quando afirmações que parecem evidentes, na verdade, são resultado de uma análise malfeita;
- ✓A ignorância da questão: quando a argumentação é feita em cima de dados e informações incompletas;
- ✓A petição de princípio ou círculo vicioso: quando o efeito é referido como sendo a causa;
- ✓A falsa analogia: quando se faz comparações que realmente não são coerentes.

Todos estes caminhos de falso raciocínio muitas vezes estão envolvidos tanto na dedução quanto na indução. Vejamos um exemplo de um raciocínio sofismático:

Premissa maior	▷ "Alguns brasileiros são preguiçosos"
Premissa menor	▷ "Os gaúchos são brasileiros"
Conclusão	▷ "Os gaúchos são preguiçosos"

Este raciocínio está errado porque a premissa maior, que serve de lei geral, não abrange a totalidade. Por isso a premissa menor, que está ligada a ela, leva a uma conclusão defeituosa.

Vejamos outro exemplo:

Premissa maior	▷ "Os israelitas guardam o dia de sábado"
Premissa menor	▷ "Alguns brasileiros são israelitas"
Conclusão	▷ "Os brasileiros guardam o dia de sábado"

Este raciocínio erra porque a conclusão tem uma extensão maior do que as premissas. A premissa maior é restrita a um grupo (israelitas) e a menor é restrita pelo pronome "alguns". Logo, seria incorreto chegar a um resultado generalizado, tal como: "Os brasileiros guardam o dia de sábado".

Capítulo 3

▼ Política

"O homem é um animal político." (Aristóteles)
"O homem político é um animal." (Perry White)

"[Do gr. *politikós*, pelo lat. *politicu*.]

1. Arte ou ciência de governar.

2. Aplicação desta arte nos negócios internos da nação (política interna) ou nos negócios externos (política externa).

3. Prática ou profissão de conduzir negócios políticos.

4. Conjunto dos princípios ou opiniões políticas.

5. Astúcia, maquiavelismo.

6. Cerimônia, cortesia, urbanidade."

A sociedade é um bem ou um mal? Qual é a melhor forma de os homens viverem em sociedade? O que é o Estado? Como se originou e se origina o Estado? Por que alguns homens detêm direitos sobre outros homens? Quais são os limites destes direitos? Até que ponto deve alguém se sujeitar às leis de seu país? Quando ele pode transgredi-las? Qual é a melhor forma de governo? Qual é a forma de organização política ideal?

Estas e outras questões sempre fizeram parte da reflexão filosófica, sendo um de seus ramos mais amplos. É a filosofia política. Com ela se ocuparam Platão e Aristóteles. Dela se ocupou Confúcio na China. Com ela se ocuparam homens como Maquiavel e Dante. Os pensadores do Iluminismo tanto se ocuparam dela que acabaram por provocar a Revolução Francesa, um verdadeiro marco na forma de governo e administração política. Os países do mundo apresentam sistemas políticos e formas de governo diversificados, cada qual oferecendo suas vantagens.

Como vimos pela frase de Aristóteles, a política é uma necessidade humana. Como vimos pela frase de Perry White, sua conotação é geralmente negativa. Em outras palavras, o Estado é tido por muitos como um mal necessário.

A origem da palavra "política" já tem muito a nos dizer sobre seu significado. A pólis era a cidade grega. Na Grécia antiga, cada pólis ou cidade era independente e possuía autonomia plena. Governavam-se a si mesmas. Este governo era exercido pelos próprios cidadãos, principalmente na cidade de Atenas. Por isso chamava-se "democracia" (*demos* = povo; *cracia* = governo). Logo, política era a forma de se administrar a polis, a cidade. Desta idéia central se desenvolveram todos os demais significados da palavra.

A preocupação da filosofia política é reunir e manter a sociedade de uma forma eficaz. Mas qual seria esta forma mais eficaz é uma questão que sempre gerou opiniões das mais divergentes. Para se chegar a esta resposta, muitas perguntas são feitas, algumas delas envolvendo a natureza do próprio homem. Will Durant, historiador e filósofo do início do século 20, afirmou que a filosofia política se divide em duas escolas.

A primeira segue a linha de Jean Jacques Rousseau, autor de *Contrato social* e um dos principais teóricos que suscitou a Revolução Francesa. Ele afirmava que a natureza humana é boa, e a civilização é má; que, segundo a natureza, os homens são todos iguais, só se tornando desiguais pelas instituições criadas pelas classes. A lei seria uma invenção dos fortes, com o intuito de acorrentar e governar os fracos. O maior questionamento lançado sobre sua posição era como homens naturalmente bons poderiam criar uma sociedade má. A ele foi atribuído o mito do "bom selvagem".

A outra linha, oposta a ela, seria a que segue o pensamento de Friedrich Nietzsche, filósofo alemão do final do século 18. Segundo ele, a natureza está acima do bem e do mal. Ainda de acordo com o seu pensamento, os homens eram desiguais por natureza. A moralidade nada mais seria do que uma invenção dos fracos para limitar e deter os fortes. O poder seria a virtude suprema e o desejo supremo do homem. De todas as formas de governo, a aristocracia, isto é, o governo dos melhores, seria o mais natural. Esta linha tende mais para um governo de força.

Em uma reflexão mais simples, o homem existe para servir o Estado, que seria a posição mais óbvia dos que seguem Nietzsche, ou o Estado existe para servir o homem, como queria Rousseau? Entre a extrema tirania e a democracia extrema se encaixam as várias formas pelas quais os homens têm sido governados ao longo de toda a sua história.

Tipos de governo

Segundo Aristóteles, havia três formas de governo: a monarquia, a aristocracia e a democracia, que poderiam ser distorcidas e transformadas, respectivamente, em tirania, oligarquia e demagogia.

No primeiro caso, o governo de um único homem se transformaria em um mau governo caso este homem agisse de forma autoritária e perversa. No caso da aristocracia, que significa "governo dos melhores", viria a ser uma oligarquia, isto é, "governo de poucos", e estes poucos não serem exatamente os melhores. Por fim, a democracia poderia se tornar uma demagogia, isto é, não passar de promessas vazias.

Pensadores do poder

Ao longo da história, muitos foram aqueles que se ocuparam com questões de governo e Estado. Isso, no entanto, não significa que os Estados foram organizados conforme concepções filosóficas. As coisas apenas aconteciam, muitas vezes independentes de uma concepção por trás delas. Mas, por muitas vezes, certos homens questionaram a ordem vigente, produzindo uma nova forma pela qual a autoridade poderia ser exercida. Outras vezes, ao contrário, eles usavam a filosofia (ou mesmo a teologia) para sustentar o sistema de poder. Após o Renascimento, com sua visão antropocêntrica, estes homens ocuparam-se cada vez mais com a relação entre governados e governantes.

Platão analisou a questão política em suas obras *A República*, *O político* e *As leis*, além de outras. Aristóteles, por seu turno, escreveu *A política*. Foram obras matrizes para o pensamento posterior, fornecendo material para ser aceito, debatido, desenvolvido e/ou combatido.

Na China, podemos dizer que a questão do Estado foi o centro da filosofia de Confúcio. Aliás, ele era um pensador mais preocupado com os problemas deste mundo do que com o do "mundo além". Ao lhe perguntarem o que era a morte, respondeu da seguinte maneira: "Se não sabemos o que é a vida, por que nos preocuparmos em indagar o que é a morte?".

Sua principal preocupação era formar bons cidadãos. Sua ética e metafísica se destinavam a formar homens dignos que manteriam a sociedade organizada de maneira satisfatória. Como viveu em tempos politicamente turbulentos, toda a sua atenção se movia no sentido de gerar equilíbrio no meio social. Não foi à toa que a doutrina de Confúcio triunfou por todo o território chinês. Não seria da noite para o dia que isso aconteceria. Mas o fato de buscar um equilíbrio entre as forças de poder correntes contribuiu bastante para tornar sua doutrina em doutrina oficial.

A Idade Média, dominada pelo pensamento cristão, não legou grandes análises no plano político. O ponto de vista predominante é que o poder dos reis derivava diretamente de Deus e, portanto, uma rebeldia contra o monarca seria uma revolta contra o próprio Deus. O direito divino sancionou por muito tempo a monarquia, mesmo quando esta, por diversas vezes, era ineficaz. A mudança viria com a Renascença e seu equivalente religioso, a Reforma Protestante.

A utopia dentro do pensamento político

"A Ilha de Utopia tem duzentos mil passos em sua maior largura, sitiada na parte média. Esta largura diminui gradual e sistematicamente do centro para as duas extremidades, de maneira que a ilha inteira se arredonda em um semicírculo de quinhentas milhas de arco, apresentando a forma de um crescente, cujos cornos estão afastados onze mil passos aproximadamente". Assim Rafael Hitlodeu, personagem de Thomas Morus, começou a descrição da Ilha de Utopia, lugar fictício onde governantes e governados viviam em perfeita harmonia.

Thomas Morus legou-nos este belo clássico, *A utopia*, como monumento literário para a humanidade.

Mas, além de um clássico, Morus manifestou uma clara aspiração da humanidade: uma sociedade perfeita, capaz de aliar prosperidade, liberdade, ordem, felicidade e justiça. Fez deste estado de coisas um dos objetivos da filosofia, sendo posteriormente sucedido por uma gama de pensadores ávidos por descobrir um meio de tornar este um mundo feliz, ou pelo menos, o mais feliz possível.

Apesar de ele não ser o primeiro nem o último a criar tal idealização, o título de seu livro passou a designar algo impossível, inatingível para a capacidade humana. Utópico passou a ser a designação de todo objetivo que busca um estado perfeito. Nele se inspirariam inúmeros idealistas. Sobre ele cairiam as críticas de igualmente inúmeros realistas. Todavia, a utopia é uma forma de reflexão filosófica, que tenta, por meio da imaginação de um mundo melhor, criticar o presente e levá-lo a um aperfeiçoamento.

O sonho de Platão na antigüidade grega

Platão nasceu em Atenas, no século 4º a.C., dentro do período áureo da cultura grega. Discorreu sobre lógica, metafísica, epistemologia, ética, estética e, como não poderia deixar de ser, falou também de política. E, também, teve sua *Utopia*, que a apresentou em seu diálogo *A República*, por meio do qual descreveu o que seria necessário para criar uma sociedade perfeita. Dividiu a sociedade em classes diferentes, educando cada grupo para finalidades diferentes — uns seriam educados para governar, outros para a defesa e outros ainda para a agricultura. Dizia que ou os reis deveriam ser filósofos ou os filósofos deveriam ser reis. A educação ficaria toda por conta do Estado, sem interferência alguma da família. Era adepto da aristocracia, ou seja, o governo deveria ser exercido por um pequeno número de homens mais capacitados que os demais.

Platão teve oportunidade de colocar sua utopia em prática. Em 387 a.C., recebeu um convite de Dionísio, rei da então florescente e poderosa Siracusa, capital da Sicília, para transformar o seu reino em uma utopia. O plano fracassou integralmente, porque Dionísio não queria ser filósofo, e muito menos deixar de ser rei. Platão terminou sendo vendido como escravo e com isso morreria, nos pântanos da realidade, a primeira utopia do Ocidente.

O Renascimento

Durante o Renascimento, nos séculos 16 e 17, além da própria *Utopia* de Morus, pode-se citar a *Cidade do sol*, de Thomaz de Campanella, no começo do século 17, e a obra do grande pensador inglês Francis Bacon, *A nova Atlântida* (1624).

Todas estas obras são o início de uma longa série de escritos, aos quais podemos definir como literatura utópica. A princípio, estas obras eram como que uma crítica à sociedade de sua época, ressaltando-lhe as deficiências e as desigualdades. Na continuação, ofereciam a opção do que supostamente seria uma sociedade perfeita e justa.

O pensamento utópico clássico teve duas características dominantes: 1) A definição de utopia como algo desejável, como objetivo digno de se alcançar — ou de aproximar-se dele tanto quanto possível. 2) O mundo descrito nas utopias é um mundo perfeito, sem mancha, regido por uma extraordinária coleção de leis justíssimas, o que o converte em um mundo de altíssima regulamentação e restrita liberdade. (Os habitantes das cidades da "Ilha de Utopia" precisavam de uma autorização especial para ir de uma cidade para outra).

Nesta mesma linha de utopias surge, em 1891, *Notícias de lugar nenhum*, do inglês William Morris. E, em 1905, *Uma utopia moderna*, do famoso novelista H.G. Wells. Um pouco mais para frente, aparece também uma utopia socialista, de Eugeny Zamyatin, com o nome de *Nós, os outros*, que retratava um mundo dominado pelo socialismo. Poderíamos, ainda, incluir na lista o *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley.

Os socialistas utópicos

Surgiram principalmente na Inglaterra, durante a Revolução Industrial, em meio ao clima de injustiças sociais reinantes. O primeiro desses socialistas foi Robert Owen, que, de início, tinha sido um grande capitalista. Depois se levantou contra a propriedade privada e fundou Nova Lanark, uma vila industrial que contrastava com os miseráveis centros industriais da época. Todos os trabalhadores, tanto mulheres quanto crianças, tinham excelentes condições de vida. Owen acreditava poder transformar todo o sistema capitalista reinante em uma Nova Lanark. Tentou conseguir o apoio do Parlamento inglês às suas idéias, mas foi cuidadosamente recusado. Fez tentativas por conta própria que também fracassaram.

Depois dele, surgiriam outros tantos com idéias e tentativas semelhantes, como Saint-Simon e John Stuart Mill, além de outros menos notórios. Todos eles sonharam com uma sociedade funcionando sem ganância e com mais igualdade. Foram grandes sonhadores. Sobre isso Durant notou: "De fato, eles eram todos uns sonhadores, mas, como disse Anatole France, se não fossem os sonhadores, os homens ainda estariam morando em cavernas".

A última utopia

> "Os filósofos têm interpretado o mundo de várias maneiras. O que importa é mudá-lo" (Karl Marx)

Poderíamos chamar o marxismo de a última utopia do Ocidente, uma utopia que caiu com o muro de Berlim em 1989. A visão de Karl Marx era que, por meio da ditadura do proletariado, o mundo se transformaria. Seu ponto de vista filosófico dizia que se os meios de produção fossem modificados, a natureza humana também seria modificada. Vejamos o que ele escreveu: "O comunismo é a abolição positiva da propriedade privada e, por conseguinte, da auto-alienação humana e, portanto, a reapropriação real da essência humana pelo e para o homem [...] É a solução genuína do antagonismo entre homem e natureza e entre homem e homem. Ele é a solução verdadeira da luta entre existência e essência, entre objetivação e auto-afirmação, entre liberdade e necessidade, entre indivíduo e espécie. É a solução do enigma da história e sabe que há de ser esta solução."

Em seu famoso *Manifesto comunista*, editado juntamente com Friedrich Engels, afirmou utopicamente, sobre a implantação do Comunismo no mundo: "Na proporção em que a exploração de um indivíduo por outro termina, a exploração de uma nação por outra também terminará. Na proporção em que o antagonismo entre classes dentro da nação desaparece, a hostilidade de uma nação por outra terminará".

Mas este sonho também acabou.

Realidade versus utopia

Algumas utopias não passaram de romances. Jamais saíram do papel. Outras se tornaram, ao menos, tentativas. E, se quisermos ser sinceros, é melhor dizer tentativas frustradas. Existiram muitas outras, literárias ou não, que, por sua pequena divulgação ou influência, não figuram aqui. Existem ainda utopias que se apóiam na esperança cristã ou nas esperanças judaicas.

Alguém pode achar que é perda de tempo ser utópico. Mas isto não é verdade. É a esperança de algo melhor que move o homem a lutar contra a injustiça e a desigualdade, e mesmo quando o homem definitivamente fracassa, ele só aparentemente fracassa. Sua tentativa, seja teórica ou prática, fornece uma outra visão de ver e fazer o mundo. Introduz no caminhar da história outras opções que de outro modo não existiriam.

A utopia recentemente ganhou melhor *status*. Não é vista mais como um divagar de sonhadores, mas como uma maneira de o gênio humano imaginar e tentar atingir um estado mais feliz de vida em sociedade. "O pensamento não utópico encerra também suas armadilhas. A utopia é o elemento alternativo à realidade e, como tal, é um elemento dinamizador, atribui margens à criatividade. Quando o pensamento e a ação política não dão lugar ao utópico, o que resta é a pura positividade factual, o dado."

Capítulo 4

▼ Ética

"[Do gr. ethiké < lat. ethica.]

1. Parte da filosofia que estuda os valores morais e os princípios ideais da conduta humana.

2. Conjunto de princípios morais que se devem observar no exercício de uma profissão."

Por que uma atitude é chamada de boa e correta e outra classificada como má e incorreta? Quem define o certo e o errado? Existem normas universais que podem ser aplicadas em qualquer ocasião e lugar ou elas variam de acordo com as circunstâncias? Como a filosofia encarou estas questões ao longo de sua história? Se existe uma norma universal em que a filosofia possa se firmar, o que lhe dá esta autoridade?

Todas estas e ainda outras questões se levantaram e se levantam no intuito de estabelecer um padrão ou um julgamento para a ação dos homens. De uma forma ou de outra, todos agem conforme um padrão ético e se apóiam em diferentes pressupostos para conferir validade aos seus critérios.

"Ao indagar o que são a virtude e o bem, Sócrates realiza, na verdade, duas interrogações. Por um lado, interroga a sociedade para saber se o que ela está habituada a considerar virtuoso e bom corresponde efetivamente à virtude e ao bem; e, por outro, interroga os indivíduos para saber se, quando agem, têm consciência do significado e da finalidade de suas ações, se seu caráter ou suas índoles são virtuosos e bons realmente. A indagação ética socrática dirige-se, portanto, à sociedade e ao indivíduo", coloca a filósofa Marilena Chauí.

Com suas perguntas, o pensador grego incomodou a muitos dos seus contemporâneos, levando alguns a odiá-lo e outros a se tornarem seus discípulos. Dessa forma, estava criando a filosofia moral, ou seja, a ética.

Segundo o historiador e filósofo Will Durant, só existem, essencialmente, três sistemas éticos, três concepções do caráter ideal e da vida moral. Um é o de Buda e Jesus, que salienta as virtudes femininas; considera todos os homens igualmente preciosos; resiste ao mal apenas retribuindo com o bem; identifica a virtude com o amor e na política inclina-se para a democracia ilimitada. O outro é a ética de Maquiavel e Nietzsche, que salienta as virtudes masculinas; aprecia os riscos do combate, da conquista e do domínio; identifica a virtude com o poder e exalta a aristocracia hereditária. O terceiro caminho a ser considerado pode ser atribuído ao triunvirato helênico — formado por Sócrates, Platão e Aristóteles —, que nega a aplicabilidade universal, quer das virtudes femininas, quer das masculinas; estima que só a mente informada e madura pode julgar, segundo circunstâncias diversas, quando devem imperar o amor e o poder; identifica virtude com inteligência; e defende uma mistura variável de aristocracia e democracia do governo.

Como podemos ver, os modos como os homens, ao longo do tempo, procuraram encontrar padrões que os ajudassem na escolha da melhor ação foram diversos. Nem sempre os que adotaram determinados critérios foram fiéis a eles. Nem sempre um só critério foi utilizado. Nem sempre as decisões, em termos pessoais, locais ou universais, procuraram seguir um único padrão ou mesmo algum padrão. É difícil entender, em termos éticos, por que são gastos milhões com pesquisas médicas para salvar umas poucas vidas, alegando que cada vida tem igual valor, enquanto se investem bilhões em pesquisas armamentistas, a fim de desenvolver artefatos bélicos que podem dizimar milhões em poucos minutos.

Com um olhar geral sobre o assunto, poderíamos citar alguns elementos que funcionam geralmente como gerador de conceitos éticos e morais.

A tradição

Quando nascemos em uma sociedade, já a encontramos cercada por determinados juízos de valores. Tomamos as coisas como certas ou erradas porque isto já vem sendo feito durante gerações. Para citar somente um exemplo simples e cotidiano, o ato de arrotar é considerado inadequado de ser praticado em público. Em algumas culturas, porém, ele não só é aceito passivamente como até mesmo aprovado, por ser uma forma de demonstrar satisfação. Não se questiona por que é assim ou deixa de ser assim. Apenas se aceita por tratar-se de uma herança cultural.

Dessa forma, as noções de bom e de mal acabam sendo culturais. A poligamia, por exemplo, é aceita na sociedade islâmica como algo normal, desde que haja fidelidade com as esposas. No Ocidente, isto é uma distorção do casamento, um padrão que pode ser definido como imoral. Aqui, a tradição forneceu o padrão para as escolhas.

O senso comum

Alguns não sabem de fato explicar porque determinada coisa é certa ou errada. Mentir, roubar, matar... seriam atitudes condenáveis porque todo mundo assim pensa. A força da opinião pública exerce pressões sobre as ações dos indivíduos, de forma que se algo não é aceito pela totalidade da comunidade ou pelo menos pela maioria, não deve ser praticado.

O que vai ocorrendo geralmente é uma quebra lenta ou, em certas ocasiões, brusca desses parâmetros. Certos costumes vigentes começam a ser contestados, sua validade começa a ser colocada em questão e, aos poucos, os padrões vão sendo modificados. Podemos tomar como exemplo as formas de se vestir. Certas roupas hoje consideradas adequadas foram tidas por indecentes em outras épocas.

Não estamos aqui discutindo a validade de nenhum padrão ou afirmando que o senso comum é normativo nas questões do certo e errado. Estamos apenas verificando que, muitas vezes, o meio em que se vive tem fornecido os padrões que as pessoas se utilizam para conduzir-se. O que Sócrates começou a fazer foi justamente levar as pessoas a analisarem se suas atitudes eram regidas pela reflexão e pela busca do bem ou pelo mero automatismo impulsionado pelo meio.

A revelação

Este tipo de padrão conhecemos muito bem. Para nós, cristãos, os padrões éticos, aos quais o homem deve se ater, foram revelados por Deus nas páginas das Sagradas Escrituras. O que a Bíblia diz sobre determinado assunto encerra a questão.

Outras religiões também possuem sua literatura sagrada, a qual fornece os critérios necessários para suas ações. Estes padrões normalmente são considerados acima de qualquer julgamento, pois foram fornecidos diretamente pela divindade e, portanto, absolutos em suas afirmações. Geralmente estão ligados às suas tradições e forma cultural, confundido-se, assim, com o senso comum.

Este é, sem dúvida, o padrão mais forte, mais amplo e mais influente para o comportamento ético. Cada cultura tem sua herança religiosa e nem sempre consegue se livrar dela ou pensar independente dela. A aura de inquestionabilidade que possui impede, muitas vezes, que uma análise imparcial seja feita e, assim, é seguida, às vezes, de forma cega ou quase cega.

Com tudo isso, não estamos estabelecendo a validade ou invalidando os conceitos nascidos dessas fontes. Nosso intento é apenas mostrar os caminhos adotados pelas sociedades no intuito de validar suas escolhas e suas noções de valores.

A lógica

A filosofia, com sua análise lógica dos conceitos, também se pôs como uma forma de descobrir o melhor parâmetro a ser aceito. O Iluminismo, principalmente, com sua "idade da razão", colocou-se como o único e definitivo árbitro do certo e do errado sobre a Terra. Tudo aquilo que não passasse pelo crivo da razão poderia ser classificado como superstição. Todos os valores foram questionados, todas as noções do certo e errado foram colocadas no banco dos réus e, agora, a racionalidade humana daria o seu veredicto.

Mas, longe de gerar unanimidade dos padrões éticos e de resolver os problemas relacionados ao comportamento moral, a ética continuou sendo um desafio diante de uma sociedade pluralista influenciada por diversas correntes, cada uma capaz de justificar, de forma magistral, suas posições.

Neste contexto, achar um padrão válido para todas as questões éticas já seria algo extremamente difícil. Fazer que este padrão pudesse ser aceito por todos e aplicados por todos seria um desejo impossível. Como resultado, a ética permaneceu como fonte de inúmeros conflitos.

Outros padrões éticos

Fala-se, ainda, de outros tipos de padrões, que, embora não possam ser classificados como parâmetros éticos, dentro da prática cotidiana, terminam por ganhar força determinante de comportamento.

Podemos tomar como exemplo a expressão utilizada pelo educador Paulo Freire, que fala em "ética de mercado". O que seria isso? Seriam ações que se justificam porque são necessárias para a sobrevivência do capitalismo. O consumismo não seria apenas um fato, mas um fato aprovável e até positivo, pois sua ausência seria a morte de todo um sistema e a falência do gênero humano. Este posicionamento é duramente criticado pelo pensador, que, em seu lugar, apregoa a "ética universal do ser humano". Embora não defina tal coisa, poderíamos inferir que se trata de uma ética que põe o ser humano e seu bem-estar antes de qualquer outra coisa. De qualquer forma, são buscas por identificar parâmetros existentes.

Também a moralidade e a ética tiveram seus critérios originários do evolucionismo de Charles Darwin. Sua "teoria da evolução" é baseada na sobrevivência do mais apto, ou seja, os mais fortes e capazes sobrevivem, os mais fracos perecem.

Surge então Friedrich Nietzsche transformando a biologia darwiniana em filosofia. Como disse o historiador Will Durant, "Nietzsche era filho de Darwin [...] Se a vida é uma luta pela existência, na qual os mais capazes sobrevivem, então a luta é a virtude máxima, e a fraqueza o único defeito. Bom é aquilo que sobrevive, que vence; mau é aquilo que fracassa – assim pensava Nietzsche".

Logo, para esse filósofo, a moralidade cristã, exaltando a humildade, a misericórdia, o altruísmo e o amor, era, na verdade, uma apresentação de fraquezas, que iam de encontro à verdadeira lei da vida, ou seja, a evolução da espécie pela sobrevivência do mais apto. Dessa forma, a biologia, ou melhor, uma teoria biológica, passa a fornecer o padrão para o comportamento humano.

Podemos também citar o atual movimento ecológico, que, em suas posições extremadas, tem fornecido critérios para as ações. A ala extremista do ambientalismo é o movimento pelos direitos dos animais. Seu líder-defensor, o professor de Princenton, Peter Singer, é um evolucionista fanático (mas totalmente inconsistente). Ele diz: "Não há nenhuma base ética para elevar a participação de uma espécie em particular dentro de uma característica moralmente crucial. De um ponto de vista ético, todos estamos em pé de igualdade — seja andando com as duas pernas, com quatro ou com todas".

Na prática, portanto, muitos dos que lutam pelos direitos dos animais olham o homem como inferior aos animais. Muitos defensores dos animais têm dito que o ato de usar seres humanos "defeituosos" em testes científicos é melhor do que usar animais saudáveis.

Muitos pensadores também tentaram enxergar a ética como um fator inerente à ordem das coisas. O certo e o errado seriam a harmonia ou a desarmonia com uma lei inexorável que rege todo o universo. O papel do ser humano seria apenas reconhecer estes princípios inerentes à realidade das coisas e agir de acordo com eles.

De certo modo, esta visão se encontra no âmago do taoísmo e da filosofia moral do Extremo Oriente. Todavia, ela também foi formulada no Ocidente de forma semelhante. Harry Emerson Fosdick, por exemplo, escreveu: "Existe um direito eterno ao qual nossas pátrias, nossos negócios, nossas relações raciais, nossas escolas, nossas igrejas e nossas vidas individuais precisam ajustar-se, se é que desejamos a salvação". Ou como disse o famoso filósofo alemão Immanuel Kant: "Duas coisas me espantam e me enchem de admiração: o céu estrelado e a lei interior no meu coração". Essa "lei interior" é algo inerente ao ser humano, algo fixado em sua própria consciência.

Podemos encontrar nesta forma de ver a origem dos preceitos morais um paralelo com aquele revelado pelo apóstolo Paulo em sua epístola aos romanos: "Porque, quando os gentios, que não têm lei, fazem naturalmente as coisas que são da lei, não tendo eles lei, para si mesmos são lei; os quais mostram a obra da lei escrita em seus corações, testificando juntamente a sua consciência, e os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os" (2.14,15).

Essa forma de ver na criação e no âmago do próprio ser humano uma lei geral que rege tudo levou alguns pais da Igreja, entre eles, Tertuliano de Cartago, a afirmar que o homem possui "uma alma naturalmente cristã". Recentemente, o missionário Stanley Jones, em seu livro *O caminho*, desenvolve amplamente a mesma tese, identificando o caminho cristão com a norma absoluta que rege o funcionamento de todas as coisas, desde o curso dos astros até o comportamento moral.

Alternativas éticas

Consciente ou inconscientemente, todas as pessoas se apóiam em algum tipo de norma ética para balizar suas ações. Diante de uma pergunta simples do tipo: "Mentir é errado?", podemos analisar as principais formas, como a filosofia moral ou ética, procuraram, por meio de pensadores diversos, responder de modo satisfatório a esta pergunta. Vejamos um pouco de cada uma delas:

O antinomismo

Antinomismo significa literalmente "contra a lei". Não no sentido de oposição à lei, mas no sentido de não aceitar que exista de fato alguma norma geral que seja capaz, por si mesma, de classificar a mentira como sendo certo ou errado. Talvez a palavra mais correta fosse mesmo "anomia", isto é, "sem lei, ou ausência de lei".

A ausência de padrões morais para qualquer ação impede que haja um julgamento para os procedimentos humanos. Podem até haver motivos que levem a justificar tais atos, mas não um único ponto do qual se possa dizer que, necessariamente, foi certo ou errado. As coisas apenas acontecem.

Talvez o representante mais significativo dessa escola seja o filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Em seu livro, de título bastante sugestivo, *Além do bem e do mal*, propõe a superação de todos os valores. Filho de um pastor, em sua peregrinação espiritual rejeitou qualquer idéia de Deus. Seus livros são repletos de ataques aos conceitos cristãos e à crença em uma divindade.

Como vimos anteriormente, a idéia da "sobrevivência do mais apto" teve grande influência sobre seu pensamento ético. Sua rejeição a um Deus criador não deixava base sólida para estabelecer valores. Por isso fala em "transvalorização de todos os valores", fossem eles éticos ou religiosos. O certo e o errado deveriam ser medidos a partir do próprio homem e não em algo fora dele mesmo.

Generalismo

Nem todos se sentem confortáveis diante do antinomismo. É complicado viver em um mundo onde não existem normas fixas. Equivaleria a viajar em uma estrada sem quaisquer indicações de limites: centrais ou laterais.

Mesmo assim, por também se sentirem desconfortáveis com um mundo de regras inflexíveis, os "generalistas" adotam uma postura de que, na maioria das vezes, é errado mentir, sendo que, em certas ocasiões, não. Ou seja, em geral é errado mentir, mas em ocasiões particulares isto pode ser quebrado sem maiores conseqüências.

■ **Situacionismo**

Aqui, a ética baseia-se no amor como norma universal. Isso significa que, desde que uma mentira seja dada com intenções boas, baseada no amor, então ela é correta.

Imagine que você mora na Alemanha e está escondendo um judeu em sua casa durante o período nazista. Então perguntam se há algum judeu em sua casa e você diz que não. Para o situacionista, mentir foi certo, pois foi motivado pelo amor. Assim, o que classificaria um ato como certo ou errado seria a finalidade desse ato e não o ato em si. Os meios são justificados pelo fim.

■ **Absolutismo não conflitante**

Os que defendem essa posição acreditam que todas as normas são absolutas, mas que é possível obedecê-las sem quebrar nenhuma delas. Tomando o exemplo anterior, seria possível não mentir quanto ao judeu dentro de casa e, ao mesmo tempo, evitar que ele fosse morto.

Esse é um posicionamento bastante difícil de ser tomado. Mas já que este é o assunto, no livro *Refúgio secreto*, de Corrie Ten Boom, conta-se a história de uma família holandesa que escondia judeus em sua casa. Eles passam por diversas situações que exigiam posicionamentos éticos. Em muitas ocasiões, assumem essa postura de absolutismo não conflitante, algumas vezes com sucesso, em outras, sofrem as conseqüências de seu posicionamento.

■ **Absolutismo conflitante**

Outros defendem uma posição semelhante e oposta ao mesmo tempo. Semelhante porque defende que as normas são universais, ou seja, tanto seria errado mentir quanto permitir que o judeu fosse morto. Oposta porque, neste caso, as normas são conflitantes, ou seja, não há meio-termo. Seja o que for feito, estaremos fazendo algo errado. Neste caso, então, o que escolher?

Deve-se escolher aquilo que causar o mal menor. Não há como não errar neste caso. Há apenas um modo de sofrer uma menor conseqüência. Então, cabe a cada um avaliar e decidir, já ciente de que infringiu um mandamento e terá algum tipo de punição em algum momento.

■ **Hierarquismo**

Embora alguém possa julgar que, em certos aspectos, o hierarquismo é igual a alguma das posições anteriores, na verdade, esse tipo de normatização ética é bem singular.

O hierarquista defende que nem todas as normas têm o mesmo valor ético, por isso, em uma escolha, pode-se optar por uma dessas normas, a de maior valor, e não violar nenhum preceito ético. Salvar vidas é mais importante do que não mentir. Logo, esconder os judeus dos nazistas e acobertar com mentiras não é errado, pois salvar uma vida é mais importante.

Vale lembrar que, em muitos desses casos — comentando agora sobre todas as alternativas éticas —, a questão não é apenas se se deve mentir ou não, mas, sim, se esta mentira é justificada por alguma norma ética universal ou se a decisão de mentir foi errada e ponto final.

Esta exposição das alternativas, embora resumida, é suficiente para conhecermos os assuntos e as discussões que cercam a análise filosófica do certo e do errado.

Capítulo 5

▼ Epistemologia

"Se pudéssemos limpar as portas da percepção, tudo se revelaria tal como é: infinito." (William Blake)

"O hábito cria o bom e o mau, o doce e o amargo, mas, na realidade, só há átomos e vácuo." (Demócrito)

"[Do gr. *epistéme*, 'ciência'; 'conhecimento', *logia*, 'estudo'.]

1. Teoria do conhecimento ou de como sabemos.

2. É o estudo crítico e reflexivo dos princípios, dos pressupostos e da estrutura das diversas ciências."

◘ Os primeiros pensadores

A questão do conhecimento também ocupou a filosofia desde o seu berço. Homens como Heráclito de Éfeso, Parmênides de Eléia e Demócrito de Abdedra foram os primeiros que se preocuparam com a natureza da realidade e com a forma de conhecê-la.

Suas teorias eram diferentes, mas concordavam na questão de que aquilo que percebemos nem sempre é aquilo que pensamos. Seriam duas coisas distintas. Para os dois primeiros, a percepção seria ilusória, apenas uma realidade sobre nós. Demócrito, todavia, com sua teoria atômica, discordava. Para ele, o conhecimento sensorial ou sensível seria tão verdadeiro quanto aquilo que o pensamento puro alcança, apesar de uma verdade diferente e menos profunda ou menos relevante do que aquela alcançada pelo puro pensamento.

Na Grécia clássica, o conflito entre a possibilidade ou não de se conhecer as coisas como elas são, de se chegar ao cerne da verdade, foi um embate que envolveu os sofistas e Sócrates. Para os primeiros, era impossível se conhecer a verdade. O máximo que podemos alcançar é uma opinião própria sobre as coisas. A verdade é uma questão de opinião e de persuasão, a linguagem é mais importante do que a percepção e o pensamento.

Sócrates, por outro lado, afirmava que a verdade poderia ser conhecida, desde que compreendêssemos que precisamos começar afastando as ilusões dos sentidos, as imposições das palavras e a multiplicidade de opiniões. Possuímos razão e ela nos assegura que podemos conhecer a verdade e que a alcançamos apenas pelo pensamento, isto é, pela atividade de nossa razão. Para Sócrates, os órgãos dos sentidos nos dão somente a aparência das coisas, e as palavras são meras opiniões sobre elas.

◘ Destruindo ídolos e partindo da dúvida

Os pensadores da Idade Moderna se preocuparam bastante com a questão do crescimento. Como a Idade Média destacou principalmente o conhecimento revelado, isto é, o conhecimento divino das Sagradas Escrituras, os filósofos da Idade Moderna preferiram trabalhar em uma esfera mais secular, que não envolvesse o sagrado.

Neste âmbito, os dois nomes de maior destaque foram o inglês Francis Bacon e o francês René Descartes. A contribuição desses homens para a epistemologia foi, sem dúvida, bastante significativa. Ambos tiveram em comum a investigação e a análise dos fatores que geralmente nos levam a errar em nossas avaliações.

Bacon utilizou a metáfora dos ídolos para expor suas teorias. Classificou quatro tipos de ídolos que, de uma forma ou de outra, embotam a nossa percepção e o nosso raciocínio. Vejamos quais são eles:

■ Ídolos da caverna

Uma alusão ao mito da caverna utilizado por Platão, segundo o qual somos homens presos em uma caverna e, por conta disso, vemos apenas as sombras das coisas. Esta é a ilusão criada pelos sentidos.

■ Ídolos do fórum

É uma referência ao fórum, lugar de debates e discussões. São os erros provenientes do uso inadequado da linguagem e de nossas relações com outras pessoas.

■ **Ídolos do teatro**

O teatro é lugar onde se assiste a tudo passivamente. Representa as opiniões que nos são impostas por aqueles que julgamos como sendo autoridades e, portanto, recebemos tais opiniões sem nenhum questionamento.

■ **Ídolos da tribo**

Esses ídolos que nos levam ao erro são aqueles provenientes de nossa própria condição humana.

E Bacon ensinava a necessidade de demolição desses ídolos para que o homem tivesse um entendimento exato de todas as coisas. E isso exigia uma modificação profunda no intelecto, nos hábitos, na sociedade. Seu trabalho mais conhecido, *Novum Organum*, era inspirado no *Organum*, de Aristóteles, e tinha a finalidade de se tornar um instrumento de lógica que viria a substituir o trabalho do filósofo grego.

Já René Descartes partiu da completa dúvida de todas as coisas. Para ele, só chegaríamos ao entendimento real de algo lançando a suposição de que tudo estava errado. Nesse caminho, chegou a questionar sua própria existência. Mas foi justamente neste ponto que percebeu que, ao indagar sobre tudo, estava pensando. E se estava pensando, existia. Formulou então sua máxima, da qual partiria para sua teoria: "Penso, logo existo":

"... Conhecendo que os nossos sentidos nos enganam, quis imaginar que nada existisse que correspondesse com exatidão ao que nos fazem imaginar. Como existem homens que se deixam iludir em seus raciocínios e incorrem em paralogismos, ainda quando se trata da mais elementar noção de geometria, e acreditando-me também eu tão sujeito a erros como os outros, rejeitei como sendo falsas todas as razões que anteriormente tomara por demonstrações. Por fim, tendo em conta que os mesmos pensamentos que temos quando estamos acordados podem ocorrer-nos quando dormimos, sem que exista então um só que seja verdadeiro, tomei a decisão de fingir que todas as coisas que antes me entraram na mente não eram mais reais do que as ilusões dos meus sonhos. Mas, logo depois, observei que, enquanto eu desejava considerar assim tudo como sendo falso, era obrigatório que eu, ao pensar, fosse alguma coisa. Percebi, então, que a verdade 'penso, logo existo' era tão sólida e tão exata que sequer as mais extravagantes suposições dos céticos conseguiram abalá-la. E, assim crendo, conclui que não deveria ter escrúpulo em aceitá-la como sendo o primeiro princípio da filosofia que eu procurava".

Descartes localizava e originava o erro em duas atitudes, as quais classificou como infantis ou preconceitos da infância:

■ **A prevenção**

É a facilidade com que o nosso espírito se deixa levar pela opinião e pela idéia alheia, sem fazer qualquer análise ou investigação. Elas de tal forma se estabelecem em nossa mente que nos impedem de procurar a realidade das coisas.

■ **A precipitação**

É a facilidade com que lançamos julgamentos sobre as coisas sem verificar se as nossas idéias são verdadeiras ou não. Geralmente, são juízos baseados em nossa vontade e emoção. Não passaram por nenhum crivo da inteligência e da razão.

Assim como Bacon, Descartes acreditava na possibilidade de superar esses obstáculos e chegar ao conhecimento verdadeiro das coisas. Em sua famosa obra *Discurso sobre o método*, ele fala sobre os principais objetivos do método por ele ensinado para resolver esses problemas do conhecimento. Vejamos:

- ✓ Assegurar a reforma do intelecto para que este siga o caminho seguro da verdade (portanto, afastar a prevenção e a precipitação);
- ✓ Oferecer procedimentos pelos quais a razão possa controlar-se a si mesma durante o processo de conhecimento sabendo que caminho percorrer e sabendo reconhecer se um resultado obtido é verdadeiro ou não;
- ✓ Permitir a ampliação ou aumento dos conhecimentos graças aos procedimentos seguros que permitam passar do já conhecido para o desconhecido;
- ✓ Oferecer os meios para que os novos conhecimentos possam ser aplicados, pois o saber deve, no dizer de Descartes, tornar o homem "senhor da natureza".

A influência de Descartes foi imensa dentro do pensamento científico. Sua contribuição se projetou para vários ramos científicos. Basta lembrar que ele foi o criador do plano cartesiano, a análise gráfica das funções matemáticas que possibilitaram uma infinidade de conhecimentos.

◘ John Locke e a teoria da tábula rasa

Locke foi um filósofo inglês (1632-1704) que, por sua teoria, deu origem ao empirismo, pois via a experiência como fonte do conhecimento. Postulou que a experiência, fonte do conhecimento, pode ter tanto origem externa, nas sensações, quanto interna, na reflexão. Sua principal obra foi o *Ensaio sobre o entendimento humano*, publicado em 1690, e teve influência dos filósofos George Berkeley e David Hume.

Em sua teoria da "tábula rasa", coloca a mente como um papel em branco, uma lousa em que nada se encontra escrito. À medida que o ser humano passa por experiências sensoriais, vai preenchendo esta folha em branco e adquirindo conhecimento. Segundo disse, nada nos chega ao pensamento sem que antes tenha passado pelos sentidos. E isso produz na história do pensamento e da epistemologia uma supervalorização da experiência. Por um processo de combinação e associação dos dados da experiência, o conhecimento se forma:

"Suponhamos, pois, que a mente é, como dissemos, um papel branco, desprovida de todos os caracteres, sem quaisquer idéias: como ela será suprida? De onde lhe provém este vasto estoque que a ativa e que a ilimitada fantasia do homem pintou nela com uma variedade quase infinita? De onde apreende todos os materiais da razão e do conhecimento? A isso respondo, numa palavra: da experiência. Todo o nosso conhecimento está nela fundado e dela deriva fundamentalmente o próprio conhecimento".

Uma vez na mente, essas informações seriam processadas por nossa razão, o que permitiria a elaboração dos conceitos e a apreensão da realidade.

As teorias de Locke não seriam aceitas sem contestação.

◘ Immanuel Kant

Kant foi um filósofo alemão (1724-1804) nascido em Königsberg, região Leste da antiga Prússia. Sua principal obra, *Crítica da razão pura* (1781), aborda a oposição entre racionalismo e empirismo. Kant mostra que o conhecimento do mundo exterior é fruto tanto da experiência (posição empirista) como dos conceitos metafísicos (o racionalismo). Entre 1788 e 1790, escreve *Crítica da razão prática* e *Crítica do juízo*, sobre a teoria do conhecimento. Influencia a geração de filósofos que o sucede com a escola do kantismo e idealismo.

Em sua *Crítica da razão pura* Kant não está fazendo necessariamente uma desaprovação da razão, mas uma análise crítica. Não ataca a "razão pura", exceto no final, para mostrar suas limitações. Ao contrário de Locke e sua "tábula rasa", exalta a razão acima do conhecimento impuro que chega até nós pelos "deformadores canais do sentido".

Para Kant, a razão pura demonstra que o conhecimento não vem por meio de nossos sentidos, antes, é independente de nossa experiência sensorial. Conhecimento que nos pertence graças à inerente natureza e estrutura da mente. Era justamente esse o grande desafio a Locke e à escola inglesa de epistemologia: "Nem todo conhecimento é derivado do sentido."

Isso, no entanto, não era uma rejeição da experiência sensorial, mas apenas a demonstração das fraquezas inerentes à experiência sensorial e sua possibilidade de satisfazer plenamente as exigências do conhecimento. Para o filósofo alemão, se a mente não dispusesse, a priori, de certas condições, de nada nos valeria os dados fornecidos pelos sentidos. É necessário que a mente tenha certas ferramentas para fazer as associações fornecidas.

O poder do questionamento

Questionar o próprio conhecimento em si é uma forma de não cair na armadilha das aparências. Se o homem teve a possibilidade de avançar em seu desenvolvimento, foi porque questionou o que era evidente. Se tivesse julgado seu contato imediato e superficial como suficiente para entender todas as coisas, teria se perdido.

Mesmo sem ter atingido uma concordância completa em todos os aspectos da gnosiologia e da epistemologia, os filósofos impulsionaram a busca de um conhecimento e um entendimento cada vez mais perfeitos e cada vez mais exatos das coisas, possibilitando o uso prático deste aprender, dando origem, por meio dessa forma, a técnica, ao fruto e fim de toda pesquisa.

Capítulo 6

▼ Metafísica

"[Do gr. *metà tà physiká*, 'depois dos tratados da física'.]

1. Ciência do supra-sensível.

2. *Filos*. Parte da filosofia que estuda a essência dos seres.

3. *Filos*. Inventário sistemático de todos os conhecimentos provenientes da razão pura.

4. Conhecimento geral e abstrato.

5. Sutileza ou transcendência no discorrer."

A metafísica é a parte mais central da filosofia que busca o princípio e as causas fundamentais de tudo, tratando de questões que, em geral, não podem ser confirmadas pela experiência direta. Constitui a filosofia primeira, o ponto de partida do sistema filosófico. O termo surge por volta de 50 a.C., quando Andronico de Rodes (século 1° a.C.), ao organizar a coleção da obra de Aristóteles, dá o nome de *ta metà ta physiká* ao conjunto de textos que se seguiam aos da física (*metà* quer dizer "além").

Historicamente, a palavra passa a significar tudo o que transcende à física, porque nesses estudos Aristóteles examina a natureza do ser em geral e não de suas formas particulares, postulando a idéia de Deus como substância fundamental.

As bases do pensamento de Aristóteles podem ser encontradas no platonismo. Para Platão, a filosofia é a única ciência capaz de atingir o verdadeiro conhecimento. Por meio da dialética, o filósofo aproxima-se das idéias puras, como a verdade, a beleza, o bem e a justiça.

Na Idade Média, a metafísica confunde-se com a teologia. O italiano Tomás de Aquino afirma que a metafísica estuda a causa primeira, e, como a causa primeira é Deus, Ele (Deus) é o objeto da metafísica.

Na idade moderna, a experiência passa a ser extremamente valorizada e a metafísica deixa de ser considerada a base do conhecimento filosófico. O escocês David Hume diz que o homem está completamente submetido aos sentidos, portanto, não pode criar idéias, e não é possível formular nenhuma teoria geral da realidade. Para ele, ciência alguma é capaz de atingir a verdade, seus conhecimentos são sempre uma probabilidade.

No século 18, o alemão Immanuel Kant afirma que o domínio da razão e o rigor científico podem recriar a metafísica como conjunto dos conhecimentos concebidos apenas pela razão, sem utilizar os dados da experiência. Nesse sentido, a metafísica, para Kant, reduz-se ao estudo das condições e limites do conhecimento. No século 19, o positivismo de Auguste Comte coloca a metafísica como uma ciência superada. Segundo ele, a história da humanidade (e, por analogia, o conhecimento humano) passa por três períodos: o teológico, o metafísico e o positivo (ou científico), sendo que este último é superior aos anteriores.

No século 20, o filósofo alemão Martin Heidegger faz uma revisão da história da metafísica e sustenta que ela confunde o estudo do ser, o verdadeiro objeto da filosofia, com outros temas, como a idéia, a natureza e a razão.

◘ A indagação da metafísica

As grandes perguntas da vida são, em tudo, questões metafísicas. "Por que o mundo existe?"; "Por que ele é do modo como é?"; "O que existe?; "Por que existe?"; "O que é isto que existe?"; "Por que e como surge, muda e desaparece?"; "Por que a natureza ou o mundo se mantém ordenados e constantes, apesar da mudança contínua de todas as coisas?".

A metafísica teve esse nome atribuído por causa da obra de Aristóteles que versa sobre as causas primeiras, ou seja, sobre as realidades que estão além da ciência natural. Esta atribuição, portanto, foi resultado de uma questão prática, mas o próprio Aristóteles chamou-a de "filosofia primeira".

Períodos da metafísica

Podemos identificar dois períodos distintos com relação ao estudo da metafísica. O primeiro período apresentava as seguintes características:

- ✓Investiga aquilo que é ou existe, a realidade em si;
- ✓É um conhecimento racional apriorístico, isto é, não se baseia em dados conhecidos diretamente pela experiência sensível ou sensorial (nos dados empíricos), mas nos puros conceitos formulados pelo pensamento puro ou pelo intelecto;
- ✓É um conhecimento sistemático, isto é, apropria conceito de outros e se relaciona com outros, formando um conceito de idéias ligadas entre si;
- ✓Exige uma distinção entre ser e parecer ou entre realidade e aparência, seja porque, para alguns filósofos, a aparência é irreal e falsa, seja porque, para outros filósofos, a aparência só pode ser compreendida e explicada pelo conhecimento da realidade que subjaz a ela.

Após o filósofo Hume, a metafísica sofreu grande alteração em seus conceitos. Apesar de utilizar o mesmo vocabulário, os conceitos, todavia, foram alterados. A metafísica contemporânea recebeu o nome de ontologia (*onto* = ser) e procura superar a antiga metafísica. Suas características principais são:

- ✓Investiga os diferentes modos como os seres ou entes existem;
- ✓Investiga a essência ou o sentido (a significação) e a estrutura desses entes ou seres;
- ✓Investiga a relação necessária entre a existência e a essência dos entes e o modo como aparecem para nossa consciência, manifestação que se dá nas várias formas em que a consciência se realiza (percepção, imaginação, memória, linguagem, intersubjetividade, reflexão, ação moral e política, prática artística, técnicas);
- ✓Alguns consideram que a metafísica ou ontologia contemporânea deveria ser chamada "descritiva", porque, em vez de oferecer uma explicação causal da realidade, é uma descrição das estruturas do mundo e do nosso pensamento.

Capítulo 7

▼ Estética

"[Do gr. *aisthetiké*, f. do gr. *aisthetikós* < lat. cient. *aesthetica* (v. estético). Substantivo feminino.]

1. *Filos*. Estudo das condições e dos efeitos da criação artística.

2. *Filos*. Tradicionalmente, estudo racional do belo, quer quanto à possibilidade da sua conceituação,quer quanto à diversidade de emoções e sentimentos que ele suscita no homem.

3. Caráter estético; beleza.

4. Fam. Beleza física; plástica."

Por que dizemos que uma coisa é bela e outra não? Por que para uma pessoa algo é dotado de beleza enquanto para outra essa mesma coisa não apresenta beleza? O belo é uma qualidade inerente ao objeto observado ou só existe na alma do observador? O que torna uma coisa realmente bela? Suas formas, seu conteúdo, o meio em que ela se manifesta?

Todas estas são questões a respeito das quais a filosofia busca uma resposta. É o estudo da estética, que está relacionado aos valores referentes ao belo e às artes. As artes são expressividades estéticas. São produtos do esforço criador artístico e, como tal, é um artesanato estético.

Baumgarten define a estética como uma teoria do belo, sendo o belo a perfeição apreendida pelos sentidos. É o estudo do belo e da arte em geral, do ponto de vista histórico, científico e filosófico.

O belo e a arte

Em todos os lugares e em todos os tempos, o homem se admirou do belo, estivesse ele presente em sua forma crua na natureza ou retratada em alguma arte. É fácil perceber a admiração humana pela beleza por meio das obras deixadas pelo próprio homem. De alguma forma, o ser humano sempre buscou registrar aquilo que considerava digno de admiração. Podemos dizer que uma das características do homem, que o distingue dos demais seres, é seu senso estético. A alma humana venera o belo.

A obra fundamental sobre esse assunto foi publicada em 1750, na Alemanha, por Alexandre Gottlieb Bamgarten, e tinha como título justamente esta idéia: *Teoria sobre a natureza da percepção do sensível*. A partir de então, o conceito de estética veio se delimitando até se referir à reflexão e à pesquisa sobre a natureza da experiência ou percepção do belo e de seus problemas.

Hoje, o estudo da estética não se encontra mais restrito ao campo da pesquisa filosófica. Abrange, também, os campos científicos históricos. Os filósofos, contudo, foram os primeiros a se preocupar em investigar sua natureza, como se deu também com muitas outras disciplinas.

O que é a beleza?

Em que consiste a beleza? É um conceito relativo ou absoluto? É sempre relativo? É sempre absoluto? Ao lermos um poema, ao vermos um quadro ou uma escultura, ao ouvirmos uma música ou observarmos um fenômeno da natureza, o que faz que os consideremos belos?

Primeiramente, a beleza é uma percepção sensório-emocional. Isto é, envolve sentidos e sentimentos. Não há dúvidas de que possuímos uma sensibilidade estética. Sensibilidade é a nossa capacidade de sentir ou perceber. Assim como temos a capacidade de ver, ouvir, sentir frio ou dor, temos também a capacidade de achar as coisas belas ou não. Quando me refiro à visão encantadora de determinado lugar, estou possuído simultaneamente por duas sensibilidade: a visual e a estética. A visual me capacita distinguir a forma e as cores das coisas. A estética me possibilita atribuir a ela um valor, um juízo, se a mesma é agradável ao meu sentido ou não.

Características da sensibilidade artística

A arte é uma forma de expressão, por meio da qual sentimentos, sensações e impressões são exteriorizados. Mas, antes de serem exteriorizados, os sentimentos que envolvem as artes foram interiorizados, mas, antes disso, se manifestaram aos sentidos do artista, que os absorveu com sua sensibilidade. A arte, pois, é algo que se sente.

O belo é um valor estético e as belas-artes, na medida em que expressam o belo, são valores e, como tais, estão presos à necessidade. Você já se perguntou: "Que necessidade leva o homem a produzir a arte?". A sensibilidade artística ou estética, ao contrário das sensações normais, é totalizada. Ou seja, é global, ocupa todo o campo da consciência em suas implicações emocionais e intuitivas. As sensações visuais, auditivas, olfativas, em comparação com a sensibilidade artística, são, de certo modo, incompletas e parciais. Essa percepção emocional-estética satisfaz somente a certas necessidades de ordem, de harmonia e de unidade de consciência. A consciência geralmente tende a reduzir o caos a uma ordem qualquer. Quando, porém, o reduz a uma ordem harmoniosa e rítmica, está produzindo sensação estética. A redução a uma ordem intelectual chama-se "explicação", ao passo que a redução à ordem e harmonia rítmica é a "percepção estética".

A percepção emocional ou estética é significante; é uma expressividade. Não se reduz a um amontoado caótico de imagens sonoras, pictóricas, etc. Ao contrário, essas imagens estão vivificadas por um princípio que as harmoniza e por uma ordem que lhes dá significado. A mensagem da arte é um sentimento forte, que nada mais é do que a autêntica representação de uma idéia de conteúdo humano ou sentimental. A percepção emocional ou estética é intuição, visão global (*gestalt*), forma apreendida de uma idéia, mas nunca conhecimento conceitual. Liga-se à imaginação criadora e não à razão lógica ou inteligência prática.

A sensibilidade estética

Como todo sentimento intenso, a sensibilidade estética tende a se exteriorizar. Uma pessoa dominada pela forte alegria pode se pôr a dançar. Ou, então, a cantar. Uma pessoa que viveu uma situação carregada de conteúdo emotivo pode se sentir impulsionada a expressar essa situação por meio de uma pintura ou de um texto escrito. Logo, podemos dizer que arte é exteriorização.

O artista, um pintor ou desenhista, por exemplo, expressa suas percepções interiores combinando linhas, sombras, luzes e cores. Os escritores e poetas trabalham, por sua vez, com a harmonia das palavras, com seus ritmos e seus sons, criando imagens verbais dessas percepções. Os músicos fazem o mesmo com os sons, e assim por diante. Essas combinações trazem a marca da individualidade do artista, mesmo quando feitas dentro de um molde já existente, de uma tendência artística corrente. A arte é feita buscando evocar a sensação de beleza, ou seja, a harmonia.

O filósofo Immanuel Kant também via a arte como uma propriedade do espírito, mais do que do intelecto, porque, para ele, o belo é tudo aquilo que, sem nenhuma intelectualização, é objeto de satisfação do espírito. Considerar alguém belo era, para Kant, um tipo de jogo da sensibilidade de alguém com seu entendimento.

Ele nos dava quatro regras básicas ou quatro condições para um objeto, pessoa e situação qualquer serem considerados belos por alguém. Vejamos:

- ✓Deve promover satisfação desinteressada;
- ✓Deve ter universalidade, em termos amplos;
- ✓Deve ter finalidade sem objetivo determinado;
- ✓Deve atender às determinadas necessidades subjetivas da pessoa; necessidades, de certa forma, superiores.

◘ Categorias estéticas

A sensibilidade estética pode enquadrar-se em várias categorias, sendo as principais: belo, sublime, bonito, poético e gracioso. Embora algumas vezes pareçam sinônimas, em estética essas distinções sutis se revestem de enorme importância.

■ O belo

Decorre do equilíbrio resultante da perfeita combinação de todos os elementos esteticamente relevantes. E essa busca pelo equilíbrio caracteriza os períodos clássicos.

Na história da arte, podemos distinguir três períodos:

- ✓O **arcaico** (ou experimental), no qual a arte procura, ainda, expressar sua natureza própria.
- ✓O **classicismo**, no qual a arte adquire a plenitude e a realização completa de cada uma de suas partes. Neste período, ocorre um predominante equilíbrio do "todo". A sobriedade e a leveza predominam. A harmonia plena é a definição mais adequada.
- ✓O **barroco**, no qual partes do "todo" começam a quebrar a harmonia do "todo", sobressaindo-se no conjunto de maneira exagerada.

■ O sublime

Nasce da superação e exaltação do belo. Acontece, segundo Kant, quando conseguem trazer à mente a idéia de infinito. Há, nesta categoria, uma grandiosidade que ultrapassa a dimensão humana. A visão nítida do céu totalmente estrelado e a visão que os astronautas têm da Terra e do céu durante seu vôo sideral devem ser sublimes.

■ **O bonito**

É a forma diminuída do belo. É o seu apoucamento. Não alcança a harmonia e a realização cabal do belo. Uma jovem pode ser bonita sem ser bela. Não atingiu a plenitude, faltando-lhe, ainda, alguma coisa para que possa ser classificada como bela.

■ **O poético**

Consiste em dispor os elementos estéticos de tal maneira que resulte certa leveza e encanto na harmonia do todo. Uma paisagem, um jardim, um relato em prosa ou em verso podem apresentar estes elementos assim combinados:

a) O **lírico**, como a sentimentalização do poético.

b) O **épico**, como a sua racionalização ou engrandecimento.

"Aos oito anos, Casimiro de Abreu, poeta lírico, canta os sabiás e as borboletas azuis de sua terra natal"

Castro Alves, em seus poemas épicos, canta a libertação da raça negra do jugo da escravidão.

■ **O gracioso**

É mais dinâmico. É característico de formas em movimento. É espontâneo e harmonioso, mas sem esforço. É elegante.

Um gesto é gracioso quando dá a impressão de ter sido feito naturalmente, sem descontinuidade com os precedentes e deixando de antever os que seguirão.

É interessante notar que a arte, sobretudo a atual, recorre igualmente a valores estéticos negativos como o grotesco, o desarmônico, desde que resulte em uma expressividade estética maior.

◘ As artes

Numa escala estética, podemos traçar, nas manifestações do belo, a seguinte "hierarquia": beleza primária: pessoas; beleza secundária: a natureza; e beleza terciária: a arte.

A arte é a criação do belo pela imaginação humana, resultando em artesanato estético.

As artes são manifestações do belo, mas de um belo ligado às diversas condições de época, povo e cultura. A arte, como expressão do belo, é uma maneira de descarregar as intensas emoções estéticas. Todo estado afetivo, tais como cólera,

dor e alegria, tende a terminar em movimentos exteriores e a resumir-se, ao mesmo tempo, neles. Em todas as épocas, o homem, repleto de emoções, tem dado vazão à sua alma na dança e no canto, na linguagem lírica e na música.

Historicamente, a arte surgiu com a pintura do homem primitivo nas cavernas. Parece que o adorno e a mutilação dos corpos com finalidade artística são da mesma época ou de uma época não muito posterior. As manifestações do belo estiveram sempre presentes, mesmo entre as tribos mais selvagens. O canto e a dança, por exemplo, dos nossos índios, são representações estéticas ou artísticas do meio e da forma como suas consciências o percebiam.

A classificação das artes

A mais completa parece ser a do francês Etienne Souriau. Segundo ele, há artes de primeiro e segundo graus. As de primeiro, não se apresentam como representativas. Os seus elementos constitutivos estão organizados em estrutura autônoma. Nas artes de segundo grau, há uma realidade que está fora de si mesma. A arquitetura tem seus elementos constitutivos voltados para si mesma, enquanto sua congênere de segundo grau, a escultura, tem seus elementos constitutivos voltados para fora dela. É uma expressividade muitas vezes pura, e quanto mais pura a representatividade, mais realiza seu grau. A pintura moderna apresenta, em grau talvez um pouco exagerado, elementos de representatividade. É a fuga máxima de primeiro grau e um limite, até certo ponto extremo, de segundo grau.

A arte pura é uma expressão estética feita de elementos originais e típicos. Numa expressão um tanto tautológica, poderíamos dizer: "uma pintura, só pintura, sem pretender nada", seria arte pura.

Arte total é quando a manifestação artística representa um todo ou um conjunto estético. O mais importante dos exemplos é uma catedral gótica, na qual são expressas, praticamente, todas as artes ou pelo menos os valores fundamentais da época, em forma estética. O teatro grego era outro exemplo de arte total: havia música, dança, poesia, representação, literatura, enfim, os valores da época estavam representados naquele universo artístico.

Há, ainda, uma questão importante. Para se compreender a arte é importante considerar a relação existente entre o singular e o universal que está na base do fenômeno estético, em geral. O teatro, o cinema e, praticamente, todas as artes procuram realizar exatamente isso, a partir do singular (uma ação, um fato, algo concreto e individual), representar algo universal de forma que agrade, sensibilize, eleve e ensine. Um fato singular, em si mesmo, desvinculado do "todo" ou de um universal, não se presta a ser um objeto de arte. Mas quando um artista toma um fato singular e o transforma num símbolo que envolve e representa algo de universal, esse fato pode se transformar em um objeto de arte.

A arte e seu tempo

Cada época tem um "espírito" próprio, um modo de ser, seu "sentido". A arte exprime o "espírito" de sua época. Assim, as artes grega, romana, românica, gótica, renascentista, moderna e/ou, contemporânea são diferentes porque são manifestações do "espírito" de cada época ou cultura.

A tragédia *Ifigênia*, escrita por Eurípedes, no século 5º a.C., na Grécia clássica, foi posteriormente escrita por Racine, na França do século 17 e por Goethe, na Alemanha do século 18, mas não são iguais. Cada uma traz em si o espírito de sua época e o modo de ser ou a cultura de seu povo.

O artista explicita, na sua arte, o sentido de sua época. Como qualquer um de nós, ele está dentro das coordenadas do seu tempo. Por exemplo, um objeto de uma vitrina é o que a cultura ou o "espírito" da época fez ou faz das coisas.

O mesmo se pode dizer de uma exposição: é o que aquele povo, em determinado momento, faz de seus objetos econômicos ou artísticos. Exposição significa: "pôr para fora". É exatamente isso que está acontecendo nas vitrinas do mundo. Se uma época ou cultura é dominada por idéias metafísicas (do outro mundo), sua arte se inspira em valores transcendentais que vêm de cima, do divino. Ela não busca inspiração no folclore, no popular, na alma do povo. Muito pelo contrário, despreza estas realidades.

Quando um artista, ou mesmo um artesão, faz sua arte, na sua atividade está incluída toda a comunidade, seus valores, seus gostos, seus ideais, seu modo de ser... Enfim, uma obra de arte exprime algo do tempo, do povo, da época e da cultura.

A filosofia e a estética

Esta qualidade estética é uma característica do ser humano. Só ele é capaz de apreciar o belo e conferir-lhe um valor espiritual. Só este fato em si já é suficiente para motivar a filosofia a analisar esta faceta da natureza humana. Mesmo que tardiamente, os pensadores se puseram a encarar estas questões como dignas de serem notadas. E, com certeza, suas análises incrementaram a arte e forneceram-lhe novas manifestações.

A arte moderna, por exemplo, foi uma ruptura abrupta contra todo o "classicismo anterior" que estava embebido em conceitos filosóficos bastante profundos. Quem a "desconhecia" imaginava apenas uma "bagunça", uma loucura sem fundamentos, como classificou Monteiro Lobato na Semana de Arte Moderna. Mas a arte moderna foi efetuada com base em idéias e conceitos extremamente pensados. E assim também ocorre com muitos outros movimentos artísticos surgidos no decorrer dos séculos 19 e 20.

Não podemos esquecer igualmente do valor prático da arte. Se for edificada sobre falsos pressupostos ou sobre impressões nocivas, será isto que produzirá. Se os conceitos que envolvem uma criação artística não forem norteados corretamente produzirão maus frutos. Podemos tomar como exemplo a frase de John Faber: "Deixe-me compor as canções que o povo canta e assim lhes moldarei o caráter". E não só a canção. Também a pintura, a dança, a escultura, o teatro, o cinema... Toda arte tem um poder de influência sem igual.

Cabe também ao filósofo analisar e pensar a arte. Deve emitir seu julgamento de forma imparcial, analisando seus efeitos possíveis e orientando seus contornos e caminhos. É possível fazer muita coisa, suprimindo, incentivando, conduzindo as manifestações artísticas em determinadas direções.

▼ Conclusão

A filosofia é um passeio por toda a realidade humana. Sem dúvida, é a mãe das ciências, apesar do desprezo com que é tratada, de forma geral, por ser considerada, muitas vezes, um pensar inútil e infrutuoso. Algumas pessoas se esquecem que foi graças ao trabalho ininterrupto dos filósofos que os caminhos da humanidade puderam ser melhorados em alguns aspectos.

A união da filosofia com a teologia cristã, dentro do contexto em que nasceu esta última, era inevitável. O mundo romano tinha uma herança de cultura grega que jamais conseguiu superar. Por isso o cristianismo utilizaria este solo para lançar suas raízes e espalhar seus ramos. Evidentemente que muitas vezes ela (a teologia) acabou se tornando escrava de sua serva (a filosofia). Nem sempre era possível diferir quais eram as verdadeiras fontes da teologia, se a Palavra inspirada ou a filosofia grega. Mesmo assim, é inegável a contribuição da filosofia neste período.

Devemos simplesmente lembrar que a filosofia não é apenas uma disciplina acadêmica, mas um estilo de vida. Todos temos o compromisso de pensar, refletir, meditar e concluir. Quando a nossa matéria-prima é a Bíblia Sagrada e nela meditamos dia e noite, lançando mão sim, se necessário, das faculdades da mente, então aprendemos e crescemos e nos tornamos melhores servos de Deus sobre a terra.

Pensar a Palavra é uma necessidade infindável. Seja para comparar, seja para contrastar, não podemos desprezar a arte do pensamento e muito menos a nossa herança histórica.

▼ Referências bibliográficas

- ✓CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- ✓DURANT, Will. *História da filosofia*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- ✓GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1980.
- ✓GEISLER, Norman. *Ética cristã*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1988.
- ✓GEISLER, Norman; FEINBERG, Paul D. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1983.
- ✓JONES, E. Stanley. *O caminho*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1929.
- ✓MCLELLAN, David. *Karl Marx, vida e pensamento*. Petrópolis: Editora Vozes, 1990.
- ✓TELES, Antonio Xavier. *Introdução ao estudo da filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- ✓*Os pensadores* (coleção). São Paulo: Abril Cultural, 2005.
- ✓*Enciclopédia do Mundo Contemporâneo*. Editora Terceiro Milênio.
- ✓*Novo Dicionário Aurélio*. Aurélio Buarque de Holanda, Editora Nova Fronteira.
- ✓*Dicionário eletrônico Michaelis*.



www.saberefe.com
Acesse agora!